

O POVO DE AVEIRO

(AVENÇADO)

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CRISTO

Anno LIII

4.ª série

Assinaturas pagamento adiantado
Portugal: anno 20\$00. Semestre, 10\$00. Colónias:
anno 30\$00. Extrangeiro: anno 40\$00
Numero avulso \$40
Red. e adm. — Rua do Capitão João de Souza Pizarro

AVEIRO, 24 DE MAIO DE 1936

Publicações
Na pagina de anuncios, linha \$30. Nas outras paginas
1\$50. Descontos proporcionaes ao numero de publicações
Comp. e Imp. IMPRENSA UNIVERSAL-AVEIRO
Telefone n.º 125

N.º 441

4.ª série

Sensacional novidade literária

Notas da Minha Vida e do Meu Tempo

(Volume 1.º)

Por HOMEM CRISTO

Importante e autorizado depoimento sobre HISTÓRIA CONTEMPORANEA. Neste primeiro volume de MEMÓRIAS o seu autor, que conta mais de meio século de actividade política e jornalística, demonstra, com factos concretos e argumentação cerrada, ter sido o Caciquismo sem escrúpulos o causador do aviltamento nacional

A questão Ibérica, com as suas maquinações e trapaças, fica completamente esclarecida. O autor carregou materiais importantes que desfazem este velho papão da UNIÃO IBÉRICA

Causas prováveis da guerra franco-prussiana e da derrota da França em Sedan, queda do Império e proclamação da terceira República. Acção heroica de Gambeta. A República salvou a França

Lêr esta obra é ficar conhecendo muitos episódios da HISTÓRIA CONTEMPORANEA desconhecidos na sua maioria

O autor, que não tem papas na língua, continuará, nos volumes seguintes, a analisar, com o seu conhecido amor à verdade, as causas e efeitos de terem sido elevados ao Capitólio ídolos de barro

O estudo do mais premente problema nacional: INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO. Necessidade dum escol orientador e de educação civica no povo

PREÇO 10\$00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à Livraria Editora GUIMARÃES & C.ª

68, Rua do Mundo, 70—Lisboa

Colegio Nacional AVEIRO

(Para o sexo masculino)

Internato, semi-internato e externato

INSTALADO NUM AMPLO EDIFICIO EM FRENTE AO LICEU

Tambem recebe alunos que estejam matriculados como internos no Liceu

Instrução Primária e Curso Geral dos Liceus, havendo ainda um Curso especial destinado exclusivamente a preparar alunos para o exame de admissão ao Liceu

Funciona um Salão de estudo, onde os alunos externos permanecerão durante algumas horas após as aulas, para prepararem as lições do dia seguinte.

Alguns dos Professores deste Estabelecimento de Ensino:

DIRECTORES

Prof. Luiz Gonzaga Cerqueira
Prof. João Beirão

Major Gaspar Inácio Ferreira, antigo professor do Liceu de Aveiro

Cap. Amílcar Mourão Gamelas, antigo professor do Liceu de Aveiro

P.e Arménio Brito, antigo professor dos Liceus de Aveiro e Guimarães
Dr. Emanuel Rebocho (médico)
Capitão Adriano de Carvalho, etc.

Este Colégio tem a sua filial em OVAR — COLEGIO NORMAL. Só externato para os dois sexos, funcionando num espaçoso edificio junto à Estação do Caminho de Ferro. Neste, ministram-se o Curso de Admissão ao Liceu, Curso Commercial e Curso Geral dos Liceus

Continuam abertas as matriculas. A Direcção do Colégio encarrega-se da transferência de alunos de outros Liceus ou Colégios, que desejem utilizar-se deste Estabelecimento de Ensino.

Pedir informações á Direcção

Comarca de Aveiro Secretaria Judicial E'DITOS

No Juizo de Direito da Comarca de Aveiro, primeira Vara, segunda secção, chefe Cristo, e nos autos de acção especial civil nos termos do artigo quatrocentos e quatorze do Código do Processo Civil, em que é autora Maria Pereira Duarte, do mestica, de Cacia, e requeridos seu marido José Pinto Perfeito do mesmo lugar, auzente em parte incerta, seus filhos e genros Ermelinda de Jesus Pinto Perfeito e marido Carlos Valente Conde, ele alfaiate e ela domestica, de Sarrazola, Manuel Pinto Perfeito e mulher Maria Corujo, industriais de padaria, de Cacia, e Antonio Augusto Pinto Perfeito, di-

vorciado, segundo sargento de infantaria numero dezanove, de Aveiro, e interessados incertos, com a assistencia do Ministerio Publico, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação do anuncio a citar os interessados incertos e editos de seis meses tambem a contar da segunda e ultima publicação do mesmo anuncio a citar o dito auzente José Pinto Perfeito, de Cacia, para no prazo de vinte dias posterior aqueles respectivos prazos dos editos contestarem, querendo a mesma acção.

Aveiro, 1 de Maio de 1936.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Correia Marques

O Chefe da 2.ª secção da 1.ª Vara
Julio Homem de Carvalho Cristo

FRAGMENTOS

Fachadas de Salamanca

Naquella manhã, em Salamanca, acordei bem disposto. O sol iluminava e enchia de chapadas de ouro rutilo e púrpura o casario da velha cidade do Tormes, dando aos monumentos estranha expressão em claro-escuro:—a expressão da sua própria grandeza arquitectónica e histórica.

Deambulei por onde os olhos me levaram, e de pronto, caíram nas fachadas salmantinas, patinadas severamente pelo decorrer lento das épocas. Os séculos passaram sobre mim, voaram, ao attentar em tais esplendores artísticos e decorativos.

Apareceu o século XII, com a fachada setentrional da igreja românica de S. Martinho e o pórtico mediévico de S. Julião.

Dentro da idade-média, notei ainda o século XIV na humilde casa de Cadená, onde D. João I de Castela viveu, e o século XV na «porta da Anunciação» da igreja de S. Bento e na tam apreciada casa de D. Maria «la Brava», valente mulher de armas.

Está representado o século XVI na «porta de Ramos» da fachada-norte e nas «portas de S. Clemente, do Bispo e do Nascimento», da preciosa fachada ocidental (considerada como típica por Lamerz, sábio investigador) da Catedral Nova, pertencente ao final do gótico; na casa de «las Muertes», presa a lendas desconhecidas e certamente macabras, tendo na frente o busto de Afonso da Fonseca, arcebispo de Toledo e patriarca de Alexandria; na casa que Santa Tereza habitou; no Palácio de Monterrey, nobre solar renascentista, por Fr. Martinho de Santiago architectado, o qual constitui com a marcante casa nobiliárquica do renascimento isabelino que é a Casa das Conchas (a qual me fez lembrar, pela singular exhibição exterior, a Casa dos Picos, em Lisboa) a riqueza ornamental da «Calle de Companhia»; nas fachadas da casa «de las Salinas», do Hospital do Estudo e do Colégio do Arcebispo, transformado em Colégio de Irlandeses e que vale como interessante exemplar do seiscentismo espanhol; e na porta principal da igreja de S. Bento, que apresenta bem desenhados arcos caupiais e o braço (cinco folhas de líz) dos Maldonados, cujos sepulcros si se encontram.

Do século XVII fala a bela joia plateada da fachada principal da Universidade, tendo acima da porta, ao centro, o medalhão de Fernando e Isabel, os Católicos, acompanhado dos nomes e duma legenda grega («os reis à Universidade e esta aos reis»); o pórtico da igreja do Espírito Santo, edificado pelas comendadeiras de S. Tiago; a fachada da igreja do convento dominicano de Santo Estevam, em cujo claustro vi o Museu Municipal, arquivando restos preciosos da antiguidade, desde estelas funerárias ao magnifico quadro «Nascimento», atribuido a Morales; e a porta da igreja do convento das Agostinhas.

Finalmente, veio o século XVIII, com o sumptuoso Palácio de Anaya, a entrada-sul, em estilo barroco, da igreja de S. Martinho, a fachada do edificio hoje pertencente á Faculdade de Ciências e Medicina, a do Colégio de Calatrava e a do Ayuntamiento na vasta Plaza Mayor, centro da actividade cittadina e terreiro de reunião quotidiana, tendo á volta belas arcadas e profusas lojas de comércio e industria.

Assim terminou o desfile dos séculos. Presos às fachadas, aos capiteis, às torres, às capelas, às absides, aos claustros dos monumentos, que atestam a soberania estética de Salamanca, cidade fidalga e conventual, a História da Arte Peninsular aí retine páginas de imorredoura beleza e excelso valor documental.

Adolfo Faria de Castro.

A seguir: «O Museu de Pontevedra».

Procissão de Santa Joana

Era a melhor de Aveiro. Este anno foi um desastre de tal ordem que emocionou a cidade.

Na margem do rio Cune

N'uma das campanhas de Africa da Grande Guerra, em 1914, tive como subalterno de companhia, nas planícies de Capolongo, um official de Aveiro chamado Ruela. Era casado, filho de um magistrado de alto emprego na cidade onde disfrutava o seu officio. Lembrava-se muito da esposa e falava com desvanecimento n'um filho de tenra idade que deixara na «Veneza do Vouga», fundada pelos Turdulos em 2064 A. C., e fôra a Talabrica dos Romanos. O tenente Ruela era alegre e divertido, dispunha de bastante graça nos seus ditos de ocasião, e sabia cumprir os seus deveres com esmero e proficiencia.

Nas horas de folga do serviço, na sombra projectada pelas barracas de campanha, distrahia os seus camaradas, de quem era amigo, contando-lhes aneddotas que vinham desde o seu tempo de rapaz. Era moço bondoso, paciente e tolerante, mas andava sempre em querelas com o tenente medico Levy, um niquento, que pretendia disfrutalo sem graça nenhuma. Mas nem sempre levava a melhor, que o Ruela sabia defender-se e ficava sempre de cima. Quando a caça ao jacaré nos não distrahia, para a qual o bondoso padre Dias oferecia isca e anzoes (o padre Dias era comerciante) passavamos algum tempo a olhar para o fundo do rio, que se esgotava n'uma séca prolongada.

Assim, menos custavam a passar as agruras da campanha, temperadas de vez em quando pelos ditos espirituosos do official de Aveiro, que a todos faziam rir e não maguavam ninguém.

Bons camaradas, de quem tenho saudades.

De uma vez, achando-se presentes os drs. Cortez Pinto e José Maria Soares, também amigos de aneddotas picantes, o tenente Ruela contou uma historietta que ouvira em Aveiro a um veterano do cerco do Porto, sendo ainda muito rapaz. Era assim o dito:

«Em 1832 comandava a Serra do Pilar, então sitiada pelas tropas miguelistas, o bravo brigadeiro d'infanteria José Antonio da Silva Torres, um valente soldado das campanhas da liberdade. Era energico e decidido, dotado de excelentes qualidades militares — contara o veterano ao Ruela — mas não tendo rapé com que satisfazer a sua pitada, tornava-se repontão e era difficil de aturar. O estudante José Estevam Coelho de Magalhães, então cabo n.º 6 do Batalhão academico, fasia parte da guarnição da Serra do Pilar, e soubera merecer a estima e consideração do brigadeiro, pelas suas admiraveis proezas militares que demonstravam bravura da parte do ilustrado academico. Pois uma noite — contava o tenente Ruela — estando a Serra cercada pelas tropas do general Povoas, o cabo José Estevam lembrou-se de pedir ao brigadeiro uma pequena licença para ir ao Porto.

— E você atreve-se? perguntou o official, admirado da façanha.

— Se V. Ex.ª me permitir, vou ao Porto amanhã de madrugada e volto depois de amanhã á noite.

—Homem! lembre-se você que estamos cercados.

—Não faz mal; atravessarei as linhas quando tudo estiver a dormir.

—Isso é bom de dizer! mas que vae o sr. lá fazer? inqueriu o brigadeiro.

—Soube que um dos meus primos está bastante doente, e eu...

—Hum! fez o brigadeiro, duvidando.

—Palavra, meu general!

—Bom, bom, agora já subi de posto... O sr. é de Aveiro, bem sei, o sr. é um rapaz valente, todos os aveirenses se teem na conta de valentes, mas a hora é má e o perigo é grande. Você não volta.

—Desejo ir ver meu primo. Voltarei.

—Primo ou prima... mas vá acudir-lhe... eu é que já não tenho d'isso...

Diga ao seu capitão que lhe concedo licença; entenda-se com ele e vá sob a sua responsabilidade. Tenho dito.

—Muito obrigado a V. Ex.ª, disse José Estevam. Ia para sahir, mas o brigadeiro reteve-o um instante para lhe lembrar que se fosse apanhado pelos miguelistas seria fusilado no mesmo instante.

—Não lhes tenho medo... em Avei-

ro não se ensina a ter medo a ninguém. Sou da terra das lindas raparigas e de rapazes que afrontam o mar! Irei.

—Olhe lá: a minha caixa de rapé está totalmente vazia; procure no quartel general os senhores Candido José Xavier e Agostinho José Freire, meus velhos e dignos camaradas, para eles o participarem ao imperador, que sem cama já vivo de ha um mez a esta parte, que três dias sem comer já tenho passado, mas 3 horas sem rapé, isso é que nunca! Se m'o não mandam, entrego a Serra!

E com desespero, sorveu a ultima pitada da caixa.

Ruela ou Arruela assim se chamava o meu camarada, que já não figura no almanack militar por ter falecido em tempo de guerra. Deixou a familia e o Mundo em plena mocidade.

Coronel Augusto Taveira.

Um Caso Grave

Informam-nos de fonte segura que ha um talho nas Quintans que vende carne sem ser submettida á inspecção veterinaria. Isto é grave!

Outro caso digno de attenção é que, ao mesmo tempo que os talhos de Aveiro pagam á camara 300:000 reis cada um por semana, o da Costa do Vallado paga apenas 700:000 reis por trimestre, uma differença espantosa dentro do mesmo concelho. D'esta forma elle pode vender a carne muito mais barata, com grave prejuizo dos talhos da cidade. Vendendo a carne muito mais barata, pode matar maior numero de rezes. Mata 4 rezes por semana, SEM FISCALIZAÇÃO, repita-se, o que ainda lhe permitiria vender rezes mais ordinarias, portanto mais baratas do que as que são abatidas no matadouro de Aveiro. Calculando, em media, 230 kilos por cada rez, e recebendo a camara em Aveiro 500 reis por cada kilo, deveria receber, em egualdade de circunstancias, 500 escudos por semana o talho das Quintans, fóra o carreto e do imposto do sello que a camara tambem cobra. Em vez d'isso, a camara recebe 700 escudos por trimestre.

Com esta concorrência desleal, os talhos de Aveiro não se podem aguentar.

Chama-se para tudo quanto fica narrado a attenção das respectivas autoridades.

Grande Drama

A influencia do Povo de Aveiro na opinião publica é um facto registado. ha muitos annos e de que todos os dias apparecem provas.

O artigo editorial Grande Drama, de 3 do corrente, foi egualmente transcripto, em lugar de honra, pelo Trabalho, de Vizeu, o Diario do Alentejo, Beja, a Alma Popular, Oliveira do Bairro, O Rato, Covilhã, o Jornal da Regua, Regua, e não sabemos, por emquanto, se mais algum. Juntando-lhe os já mencionados no numero anterior, temos que sete jornaes, de quasi todos os pontos do paiz, Algarve, Alentejo, Beira Baixa, Beira Alta, Beira Litoral, Douro, o transcreveram, e três se lhe referiram de maneira honrosa para o seu auctor. Total, dez.

Raros jornalistas, ou nenhum, tem recebido tal honra em Portugal.

A Maria da Fonte, de Povoas de Lanhoso, tambem transcreve o nosso artigo no numero immediato—Drama ou tragedia.

A todos os nossos agradecimentos.

Vida de Cristo

Segundo os Evangelhos e as revelações de Ana Catarina Emmerich. Encontra-se em distribuição (Largo do Picadeiro, 10 — Lisboa), o 2.º fasciculo desta interessantissima obra. O numero publicado põe-nos diante dos olhos as communicações do Precursor com Deus, numa gruta do Líbano e, finalmente, as pregações ao povo, soldados e judeus, até ao baptismo de Cristo, no rio Jordão.

As Rosas

III

(Conclusão)

IV

Decerto esta crise foi terrível para a mi-errima rosa. Mas outra, mais decisiva, quasi mortal, se acercava—porquê de todos os lados a forte estrutura do imperio romano se fendia, e os Barbaros vinham entrando. Até ali ella era uma pobre flôr decahida, despedida com ignominia dos altares e das instituições. Proclamada outrora, pessoalmente por Jupiter, em concilio dos deuses, Rainha das Flôres (segundo afirma Ausonio), ella perdera o seu throno e reentrava na obscuridade silvestre. Mas, ao menos, continuava pacificamente a florir nos vergeis e nos prados, onde o velho Zephyro, á tarde, vinha fielmente conversar com ella dos esplendores passados. Já os pontífices a não colhiam de madrugada com a foice de prata, para perfumar e tornar mais santas as aras de Aphrodite. Já, em dias de triumpho, coroando a fronte de um Cesar ou de um Paulo Emilio (ou mesmo de um cocheiro vencedor do seu circo), ella não partilhava das aclamações de Roma. E nunca mais entrara na Domus Palatina! Mas vivia, córada e sã (o que é melhor para toda a Flôr que tenha uma comprehensão real e naturalista de vida)—e recebia, como na sua idade ditosa, a carícia dos orvalhos, e podia sentir, nos beijos longos e lentos do sol, que Phebo lhe era constante.

Agora, porém, a pobre rosa estava ameaçada na sua existencia material—na sua raiz, na sua semente, em cada uma das suas pétalas, outrora bafejadas pelos deuses. Os Barbaros desciam innumeráveis e devastadores. Era como se successivas manadas de touros bravios investissem furiosamente pelas portas indefezas e abertas do Palacio da Civilização. No mundo, durante tres seculos, não se ouviu senão o fragor melancólico da grande obra grega latina, ruindo aos pedaços. Hunos, finlandezes, sicambros, wisigodos, suevos, ostrogodos, hordas a pós hordas, rolavam do norte e do leste, e entrecrocadas, arrancavam furiosamente, umas ás outras, os farrapos da sociedade antiga.

Quem dirá o incomparavel desastre? Povos inteiros, pacíficos e cultos, desapareciam como formigueiros varridos. Claras cidades de luxo e repouso eram apenas montões de cinzas, fumegando. Dos campos, tão sabiamente cultivados pelos preceitos de Varro e Columella, restavam apenas charnecas, onde uivavam os cães famintos. Todo o saber, toda a arte, jaziam apagados, espinhados, como tochas sob pés brutaeas. Na immensidade do desastre, onde iam as pobres rosas? Se a herva da Gallia, tão vivaz e dura, seccava sob as patas da egua d'Attila, como poderiam resistir as rosas? Ao cabo de trezentos annos, não restava um jardim em toda a Italia. Como se conservariam jardins, se já nem existiam searas? Em cada cincoenta annos, havia quarenta annos de fome. Fome tão dura, que se comia carne humana. E através d'esta immensa desgraça no mundo que decerto ia findar, sempre pelos valles assolados, em longas filas, com os chuços altos, as fêmeas fortes e brancas apinhadas nos carros estridentes, os molossos latindo, — hirsutos, fetidos, os trapos em sangue, passavam e repassavam os Barbaros.

V

Passando assim e repassando nos valles, os Barbaros avistavam sempre, nas alturas, grossas e tristes muralhas encimadas por uma cruz. Eram os mosteiros. A principio subiam ao monte, arrombavam as portas a machado. Depois, convertidos, ajoelhavam nas lages, para tocar nas reliquias santas. Dentro d'esses muros, assaltados ou transpostos com reverencia e temor, encontravam silenciosas arcadas, homens com a face pallida sumida no capuz traçado de linhas sobre pergaminhos, uma capella escura, e ao fundo, para além do pópo, um horto onde se erguia, entre ervas aromaticas ou medicinaes, um arbusto coberto de flôres vermelhas, que os Barbaros não conheciam.

Era a rosa — a rosa greco-romana, que no vasto desastre, encontrava, entre os monges, um refugio seguro e doce. Alli estava escondida na clausura com os outros restos da grande civilização destruida—esses rolos de pergaminho que os monges pensativamente reliam e copiavam. Assim se tinham salvado as glorias e as graças da sociedade antiga — e a rosa sobrevivera, por cuidado da Igreja, com Horacio que a cantára.

Os chefes barbaros respiravam com delicia aquella flôr singular. E quando, acalmada como uma derradeira vaga a derradeira invasão, a barbarie tendeu á estabilidade, e se edificaram burgos, e os chefes começaram a erguer nos cimos, ao lado ou defronte dos mosteiros, os seus fortes castellos, não se es-

queceram de ir buscar ao horto monastico a flôr de linda cor e de rico aroma, que os maravilhava. Foram os chefes merovingios, na sua admiração pela vida romana, que p-meiramente traxeram e cultivaram o novo jardim feudal. E já o poeta Fortunato, no seculo VI, celebra os rosaeas da rainha da Austrasia, todos cobertos em maio de rosas, «que embalamavam como se viessem do Paraiso». Enfim Carlos Magno desce a Italia, entra em Roma e recebe ali a revelação das artes, dos palacios, da magnificencias e das delicadezas da vida.

As suas residencias de Ingelheim e de Aix-la-Chapelle são, por sua ordem, adornadas de porticos, de vinhedos, de jardins. E, no seu entusiasmo, o grande imperador da barba florida termina mesmo n'uma capitular por decretar a cultura da rosa!

Eis, pois, a rosa penetrando no mundo feudal, sob o patrocinio do grande imperador do Occidente! A sua carreira começa com renascente gloria. Já cada morada senhorial, mesmo dentro das cidades, tem bellos canteiros de rosas. Ella é a flôr da nobreza, como será da realza, quando Luiz XI (que todavia não passa por sensível ás graças da natureza) mandar emissarios por toda a parte *queirir des roses et des boutons*. Os grandes senhores que davam então a moda, um Thibault, conde de Champagne, um Renato d'Anjou, cercam os seus castellos de densos bosques de rosas. As damas, sobretudo, adoram a flôr nova. E' no «verjel», entre os rosaeas, que se passam todos os amores da Meia-Edade. E para que a sua existencia seja protegida por carinhosos cuidados de cultura, o grande mestre das sciencias, o illustre Alberto-Magno, compõe um tratado sobre a rosa.

Como as «rosas são para servir», segundo já cantava Hysiodo, em breve as donas e aias as apanhavam ás braçadas, nos jardins, para juncar os tapetes nupciaes e ornar as mesas festivas. A rosa começa, de facto, a sua alegre vida romana: — e poderia pensar que os Barbaros tinham sido apenas um sonho e que se encontrava ainda em casa de Mecenas ou de Lucullo, se em torno não fôsses tão incultas e rudés as barbas, as maneiras, as conversas e as grossas peças de carne.

Mas, ao menos, o amor pelas rosas é tão vivo e sincero já como em Roma. Em ramo, em grinalda, solitaria ou desfolhada, ella enfeita e perfuma toda a vida gothica. Quando, depois de sete seculos de porcaria, a humanidade se recomeça a banhar, e nos castellos se estabelece, como costume gentil e prudente, offerecer um banho aos hospedes que chegam em poeira e ruído, a cavalgada, desfolham-se nas banheiras, sobre a agua, rosas vermelhas e brancas. Outra moda que se generalisa, é a dos chapéus de rosas, verdadeiros turbantes feitos de rosas, com que se cobrem as damas nos bailes, os trovadores nos torneios, os mensageiros de boas novas, todos os camponeses no primeiro dia de maio. Nos banquetes reaes, o condestavel servia o rei de França corado de rosas. Nas danças do seculo XII e XIII, os pares trazem na mão ramos de rosas que trocam ao compasso das doçinas e flautas. Um dos tributos feudaes mais zelosamente exigido, era o das rosas, que os vassallos e colonos deviam trazer, cada semana de verão, ao vilão do castello, em cestos a transbordar. Muitos fidalgos, foreiros de terras pertencentes aos conventos de monjas, pagavam por fóro de S. João corôas e ramalhetes de rosas. Nos torneios, a rosa era tão essencial como a lança: com ella se enfeitavam os estrados das damas, com ella se coravam os elmos dos vencedores. Na Provença, em Hespanha, havia mesmo os famosos *torneios de rosas*, galantes combates em que donas e cavalleiros se entrearremessavam, com ternura e valor, pesados ramos de rosas. Mesmo na vida politica e forense se installára a flôr bem-amada. Um antigo costume, mantido até ao seculo XVI, obrigava os duques e pares de França a offerter, no primeiro de maio, ao parlamento de Paris, um grande ramo de rosas n'uma salva de prata. Esta homenagem, chamada *Boillée des roses*, era o emblema da suzerania juridica do parlamento. Que contarei mais?... A rosa conquistára os Barbaros: — e agora que elles iam laboriosamente, e com os destroços do passado, construindo uma civilização sua, por toda a parte a perfumavam de rosas.

VI

Contarei ainda a sua entrada triumphal na Igreja, de onde fôra excluida, como pagã, por Clemente e Tertulliano, e onde agora alastra os altares, invade as procissões, domina o ritual, dá o seu nome ás festas mais santas, e se torna tão dogmatica, que em Roma, na festa da Ascensão, as suas pétalas, desfolhadas do alto da Igreja Santa Maria Rotonda pelas mãos do papa, representavam os dons do Espirito Santo?

Contarei a sua ascensão ao céu?... Porque consummando a sua apothose, a rosa entra no céu catholico! Flôr de

origem essencialmente divina, como provou scientificamente o autor das *Geoponicas*, ella não pôde deixar de ser adoptada por todos os deuses que se succedem nas alturas, e é acolhida por Maria e Jesus tão benevolamente como o fôra outrora por Ceres e Apollo. Mesmo a religião nova reclama para si, em opposição á religião antiga, o privilegio honroso de ter dado á rosa o que ella tem de mais bello, o seu aroma e a sua cor. E é Santo Ambrosio, o grande Santo Ambrosio, no seu *Commentario aos psalmos*, que assegura ser a rosa vermelha de cor, por ter cahido sobre ella o proprio sangue do Senhor! Não é pois o sangue de Venus, na Syria, que tornou as rosas vermelhas. E' o sangue de Jesus, correndo do Calvario sobre o mundo!

S. Bernardo, porém, é ainda mais affirmativo, mais decisivo. O sublime monge de Claraval sustenta (e ninguém mais profundamente do que elle penetrou nos segredos do céu) que as rosas são *chagas de Jesus*. «Contemplae, x clama elle n'uma das suas *Homilias sobre o Evangelho*, esse brilho e cor de purpura das rosas! A que pôde ser devido senão a ter cahido sobre ellas o sangue do Salvador? Olhael! Tantas são as chagas no divido corpo, tantas são as rosas! Nos seus pés, nas suas mãos traspassadas, não vêdes rosas que desabrocham? Mas a rosa maior está na chaga do seu coração!»

E todavia se a rosa é assim, ao principio, a flôr de Jesus,—não tardará a pertencer de preferencia (como no Olympo) ao que o céu catholico possui de mais delicado, de mais doce, de mais amante—á Virgem Maria. Assim outrora ella findára por ser a flôr privativa de Venus. Da Meia-Edade á Renascença, todos os mysticos vão pouco a pouco separando a rosa de Jesus, para a consagrar toda a Maria. Desde o seculo XIV, a rosa é o apanagio essencial da rainha dos anjos. Maria não tem então companheira mais fiel, nem emblema mais radiante. Quando ella se mostra aos homens, as rosas nascem sobre os seus pés.

Já não são estrelas, mas rosas que a toucam. Ao subir ao céu, ella deixou o seu tumulo cheio de rosas: — e ella é verdadeiramente a rosa que nasce de toda a morte.

Já mesmo a flôr da terra e a Mãe do Céu se confundem aos olhos extaticos dos devotos. A Virgem nasce do calice da rosa, e d'ella recebe todas as suas virtudes. Ella é a rosa sem espinhos, ella é a rosa de todas as rosas. E em breve a Igreja, determinando definitivamente a essencia da Virgem, a proclamará *Rosa Mystica*!

Eis a rosa, pois, tornada deusa, erigida no altar. E depois de uma tal gloria e apoteose suprema, que dizer mais d'esta flôr e da sua prodigiosa carreira? Nascida em botão d'entre os pés de Venus, ella desabrochando no seio de Maria! A sua historia magnifica vae d'um céu a outro céu.

Flôr de maravilha, ella embelleza o amor, ella consola a morte. Com ella se corôam os que triumpham na guerra e os que triumpham na arte. Os cesares declaram-na flôr do Estado e os papas flôr da Igreja. Toda a festa humana é incompleta sem a sua fragancia. Nenhum genio paou sobre a terra, de de Homero a Hugo, sem a cantar com reverencia. Os prodigios e os milagres — o verdadeiramente se operam por ella, desde os de Apollo até os de S. Francisco de Assis. Cada deus que se apodera do céu, a reclama logo, lhe communica a sua divindade, e através d'ella se humanisa. E do oriente a occidente, todas as civilizações, umas após outras, proclamam e se transmitem o grande culto da rosa! Flôr de maravilha!

E flôr profundamente interesseira e astuta! Já no dia primeiro de maio, que se vae tornando o grande festival do proletariado, eu vejo a rosa quieta e contente nas callosas mãos dos operarios em folga. Nos jardins dos mineiros, em Inglaterra e em França, já floresce sempre, entre as saladas democraticas, um pé de roseira vicioso e promettedor. Em todos os *meetings*, nas grèves, é usual que a rosa venha armando a casaca dos chefes, ou appareça, bordada e já com a autoridade d'um emblema, nas bandeiras das associações... E estou anteveendo que esta habil e intrigante flôr, que foi successivamente hellenica, pagã, imperial, feudal, catholica, mystica; que, captando lhes o amor, partilhou o poder dos heróes, dos senados, dos cesares, dos barões, dos papas, dos santos; que se identificou arteiramente com Venus, quando era Venus que no seu cinto fechava o mundo todo e se identificou logo com a Virgem Maria, quando por seu turno foi a Virgem que pousou os pés sobre o orbe — anda a realizar a sua lenta conversão, e pouco a pouco se insinua e se entrelaça no novo e tremendo poder que se levanta, e toda ella se prepara, e se avermelha, e se perfuma para ser, oficialmente e ritualmente, a flôr do socialismo

EÇA DE QUEIROZ

(Das Notas Contemporaneas)

O RETRATO DE S.^{TA} JOANA

IV

Não passarei adiante sem invocar ainda Henrique Lopes de Mendonça, entre os numerosos escritores que se tem referido ao retrato de S. Joana, não para discutir com elle o problema das causas do recolhimento da Infanta ao convento de Jesus, pois tratei esse problema no *Povo de Aveiro* em 1928, mas apenas para transcrever este interessante trecho do brilhante academico, que se lê na separata do Boletim da Segunda Classe da Academia de Sciencias de Lisboa, Vol. XII, Coimbra, 1919:

«A beleza da Infanta é atestada pelo retrato hoje existente no Museu Regional de Aveiro. Seus cabelos louros descem sobre o busto virginal, destituído de muliebres turgencias. A cabeça oval, entoucada de fios de ouro em que enastam pedrarias e perolas, pousa sobre o colo que prolonga o decote aberto na camisa de cambraia, bordada a seda preta.

O corpete de brocado de ouro, com bordado semelhante, acusa o descasamento dos hombros franzinos.

Da manga golpeada do vestido emerge a mão direita, fina e alva, em cujo indice rutila um carbunculo.

E se nos labios grossos se vislumbra profandidade de anelos, essa vaga expressão é temperada—ou quidá accentuada, pelo vinco amargo que lhes alonga a commissura.

Pois não se estão vendo encantos capazes de abraçar uma alma juvenil e apaixonada?»

E já agora, não esqueceremos D. Antonio Caetano de Souza, que na *Historia Genealogica da Casa Real*, assim descreve a Princesa: «era alta do corpo, rosto redondo, olhos verdes, nariz proporcionado, boca grossa, a côr muy alva e rosada, aspeto magestoso, muito ar e graça em toda a disposição do corpo», o que, como é facil de inferir, demonstra a influencia da narrativa de D. Margarida Pinheiro e perfeitamente se ajusta ao que anteriormente disse sobre o vulto da Infanta e veracidade geral do seu retrato.

Vejamos agora o problema da tecnica da pintura e autoria do quadro de Aveiro.

Joaquim de Vasconcelos constatou que «a tecnica esfumada não é do effeito primitivo: basta comparar a cor da epiderme do rosto com a do peito e das mãos; ali suja, aqui clara», e acrescenta: «temos ouvido citar o nome de Nuno Gonçalves como autor; basta considerar uma condição no processo de pintar, para regeitarmos tal nome. Esta pintura, assim como outra que examinamos, estão executadas sobre intonaco, isto é, a taboa está preparada com uma camada de gesso, sobre a qual o artista assentou as côres, as quais não tem velaturas; a tinta é delgada, com pouca transparencia.»

A minha impressão é, tambem, de que o retrato do Museu de Aveiro não foi executado pelo mestre dos Paineis do Museu das Janelas Verdes. Porem, sobre o assunto e para finalizar, noticiarei a opinião do sr. dr. José de Figueiredo que estudando minuciosamente o quadro

em Lisboa, trouxe novos e importantes argumentos ao debate, contrarios á attribuição da autoria da execução do retrato ao pintor Nuno Gonçalves.

Da autoria da execução, acentuo, pois o illustre Director do Museu Nacional de Arte Antiga, reconhece que esta pintura do Museu de Aveiro acusa o espirito de Nuno Gonçalves, isto é do auctor dos paineis de S. Vicente.

* * *

«Quem executou este retrato? Por enquanto não é possível dizer-lo», escreve o sr. Dr. José de Figueiredo.

Documentação a seu respeito não foi ainda descoberta e se por acaso se descobrisse um dia o documento da encomenda do original de que provem esta pintura, poderia dar-se um caso de confusão, pois o illustre presidente da Academia Nacional das Belas-Artes considera o painel de Aveiro uma copia de original que desconhecemos.

«E' indiscutivel que este quadro não pode ser, em nenhuma hipotese, obra de Nuno Gonçalves; que nem sequer é português, e que não foi executado do natural, diz o sr. Dr. José de Figueiredo.

Porquê? «De facto, se a sua tecnica, em que predominam os glaciis sobre uma espessa base de cola e de gesso, nada tem de comum com a tecnica do nosso grande pintor do seculo XV, e se o seu esmalte, nitidamente vitroso, se acha tão afastado da materia que constitue a epiderme da obra deste artista e da dos outros pintores portugueses da epoca, a falta de modelado da mascara do personagem mostra que nos encontramos diante do trabalho dum copista, tanto mais que o poder pictorial do artista, autor do quadro, se afirma com a maior segurança na tradução do vestuario assim como em outros detalhes, para a realização dos quais poude certamente ter modelos diante dos olhos».

Joaquim de Vasconcelos supoz que a madeira do suporte da pintura, fosse carvalho. O sr. dr. José de Figueiredo verificou que é nogueira e a proposito argumenta:

«A madeira sobre que este retrato foi pintado, combate igualmente, até certo ponto, a attribuição que dele se tem feito a Nuno Gonçalves ou a um outro artista português da mesma epoca. Eu não a encontrei — trata-se de nogueira — até hoje, senão em dois paineis, e ambos muito tardios, da nossa escola, isto é, da segunda metade do seculo XVI. As outras pinturas portuguesas dos seculos XV e XVI que conheço, cujo numero atinge algumas centenas, são todas executadas sobre carvalho ou castanheiro.

O facto do emprego desta ultima madeira, é quasi sempre uma prova certa de que as pinturas proveem da escola chamada de Vizeu, ou pelo menos da Beira, onde o castanheiro abunda».

E o illustre investigador declara de todo o ponto possivel que o retrato de Aveiro seja obra de um dos pintores estrangeiros que, para tal fim, vieram então a Portugal.

Alberto Souto

Porto mais Perto!...

N'O Paraíso

ESTABELECIMENTO de Ferragens, Tintas, Vidraça, Sementes, Merceria, Etc., etc.

ARMINDO NEVES DEUS

Avenida Central 7, 7-A, 7-B e 7-C

Telef. 143

AVEIRO

Compra V. Ex.^a todos os seus artigos pelo preço do Porto.

Juramento de Bandeira

Realiza-se hoje, 24, o juramento de bandeira de Inf.^a 19, ás 14 horas, no Estado Municipal.

A's 15 horas ha provas desportivas, seguindo-se provas militares e canto coral.

Convida-se o publico a assistir.

J. A. Corrêa Bastos

Solicitador

AVEIRO

CINEMA

Toma-se de aluguer, a funcionar em qualquer terra, ou teatro onde se possa instalar aparelhagem sonora, tambem se compra instalação Pathé-muda. Carta a Pires — Café Paraíso — TOMAR.

Sílvio Péllico de Oliveira Neto

Advogado

Escritorio e Residencia

Rua Dr. Bernardo de Albuquerque, 93

Telefone 242

Coimbra — CELAS

Consultório

Continuando com os reis da primeira dynastia, diz *multissimo bem* o Dr. Manuel Bento de Souza:

Os dois reis, que se seguiram, Affonso IV e Pedro I, fizeram o seu dever, e enriqueceram o seu povo. Foram grandes reis e grandes administradores; seguiram o plano de D. Diniz em ter, quanto possível, paz com o estrangeiro, e ser justos com os nacionais. A prosperidade, que o rei lavrador iniciara, desenvolveu-se Affonso o Bravo, e levou-a ao apogeu Pedro o Cruel.

A historia piegas, que de ha muitos tempos anda a procurar principalmente o *fazer arte*, absorvendo-se nos effeitos dramaticos com desprezo da utilidade publica, e preocupando-se menos com o formar bons cidadãos do que com o entreter meninas hystericas; essa historia, digo, com manifesto esquecimento da sua missão, tem obscurecido a grandeza dos dois reinados para só expôr em Affonso IV o *algoz da formosa Ignez*, e em Pedro I o inconsolavel amante da *mesquinha*, que depois de morta foi Rainha!

Ora a minha opinião é que, procedendo assim, o professor falseia a sua missão. Não só os grandes factos historicos ficam na sombra, e ignorados do *estudante de historia*; mas, ainda mais, esses episodios commoventes não são para que haja de os comprehender o mesmo estudante no momento do estudo, porque pertencem a outro lugar e a outra sciencia.

O nosso maior historiador, fallando d'esses dois soberanos, disse d'elles: — *D. Affonso foi um homem de juizo, D. Pedro foi um doido com intervallos lucidos.*

Não será permitido pôr em duvida a auctoridade do grande litterato como historiador, mas é lícito não aceitar a sua infallibilidade como alienista.

Quem considerar com attenção as vidas dos dois monarchas, e quizer defini-los com exactidão, terá de dizer: — o pae e o filho foram dois homens de juizo com intervallos de loucura.

Como homens de juizo pertencem ambos á historia, que se ensina. Como allucinados de occasião, deve tomar conta d'elles a pathologia mental, e pertencem ambos á historia que se estuda.

O delirio de Affonso IV foi a *razão d'estado*. O de Pedro I foi a *integridade da justiça*.

Ambos elles governam superiormente a monarchia, e sabem com frequencia de uma politica por todos approvada para se lançarem em barbaridades determinadas por manifestas aberrações de ideias. Ambos elles concebem planos desarrazados e decretos futeis, que por observações em contrario abandonam docilmente para seguirem dictames oppostos. Ambos elles se entregam excitadamente a actos desvairados, de que um conselho amigo consegue dissuadi-los sem maiores difficuldades.

Quando porém, um ou outro, estiver dominado pelo delirio, suggestão alguma será capaz de o chamar á razão. Affonso fará cabir no patibulo, ou a golpes de punhal, as victimas da *razão d'estado*. Pedro exercerá os ultimos requintes da crueldade nas victimas da *san justiça*.

Fôra das crises são dois bonacheirões. Um, o *violento*, acaba por dar razão ao vassallo atrevido, que o reprehende em conselho. Outro, o *crú*, baila com o populacho nas ruas da cidade.

Nas crises são dois barbaros, tão perversos na maldade, quanto a mãe e avó é angelical e compassiva na santidade — grande santidade, que não é um estado normal, mas é certamente um estado excepcional; sem duvida um bem social, sem duvida uma virtude em moral, mas sem duvida tambem um symptoma importante em psychologia morbida.

V

O delirio de Affonso domina-o quando o infante, e persegue-o quando rei.

Os autores, que pretendem historial-o como o *homem de juizo*, que Hercules classificou, cahem, sem dar por isso, nas incoherencias de apreciação, a que as mesmas incongruencias do personagens os arrastam.

Quando não o avaliam em mais do que um homem violento, cego pelos ciúmes do affecto paterno para com Affonso Sanches, fazem d'elle um pifio principe, e admittem uma pifia causa. Quando narram o assassinio de Ignez, já não se atrevendo a attribuir-lhe a idêntico motivo de ciúmes do filho, vêem-se afflitos para explicar esse acto illogico d'um homem ajuizado. Quando passam pela morte do bispo de Evora, e pela decapitação de João Affonso, acham mais prudente deixar esses factos, no tinteiro. Quando finalmente teem diante de si o heroe do Salado, e o representam, a elle, o assumado tyranno que só respira vinganças, correndo em auxilio do odiado genro, que mais do que ninguém o offendera e

mortificara vilipendiando-lhe a filha, cahem na mais triste contradicção de admittir na mesma pessoa duas naturas antagonicas e irreconciliaveis.

E, todavia, os actos da sua vida inteira mostram n'elle o principe coherente, mas que tem a concepção delirante da razão d'estado. Para elle a monarchia é a *arca santa* consagrada á guarda do rei, e não pôde nem deve ser um apanagio, que se deslustra, que se dispenda, que se arrisque pelos affectos do coração, sujeito a servir para luzimento de bastardos, ou a tornar-se preza de estrangeiros.

Logo que a monarchia corra esses perigos, e é facil aos que o rodeiam fazer-lh'os acreditar, revolta-se em guerra contra o proprio pae, resiste com dureza ás lagrimas da santa mãe, e fere o filho no mais mimoso de seu coração.

A maneira, por que procede, mostra bem que não está ali o simples herdeiro do throno com pressa de reinar. O ambicioso procura captar benevolencias, e Affonso aliena-as quando permite, ou manda, que os seus sequeles vão a Estremoz suffocar a punhal, na garganta do bispo D. Giralde, as palavras de paz e as exhortações á concordia.

Procederá assim por ser um ambicioso altivo? Tambem não, porque a altivez descamba em puerilidade humilde quando vae a Hespanha alcançar da sogra, que escreva a D. Diniz para lhe entregar o governo.

Herdeiro do throno, o ambicioso ficaria satisfeito, e procuraria por boa politica não levantar descontentamentos. E que faz elle? Irrita Affonso Sanches, que vive em Castella, confiscando-lhe os bens, e a outro irmão legitimado, João Affonso, que vive em Portugal, mandando-o decapitar, sem que o livre a boa sombra de santa Izabel, que não pôde valer ao seu mordomo mór.

Será talvez por que n'elle possam mais os ressentimentos, e nada haja que vença os seus odios? Tambem não, porque, nos momentos criticos de Castella, quando o mouro está proximo a subverter esse reino e com elle esse Affonso IV, que tanto o ludibriou, corre Affonso V a pôr-se ao lado do genro em perigo, porque assim o determina a *razão d'estado*.

E comtudo, o glorioso heroe que derrota os granadinos, o sensato soberano que rege com applauso o seu povo, o homem experimentado que os annos calmaram, conserva em si a mesma chispa, sempre prompta a atear-se em labaredas com a renovação das mesmas causas; e quando vê o seu successor rodeado de castelhanos, transformando a sua pequena corte em valha-couto de estrangeiros, e a influencia do poderoso visinho ameaçando a isenção portugueza, a *razão d'estado* surge diante d'elle, e mais uma victima lhe é sacrificada na formosa mulher, que reúne em si duas más condições — o ser motivo ou pretexto de tal ameaça, e o ser mãe de novos bastardos.

Ignez de Castro morre no fim do reinado, como D. João Affonso morreu no principio, e D. Giralde antes d'esse principio.

Mas supprimam-se estes episodios sangrentos, e que fica?

Um rei de juizo, que por uma boa administração lega a D. Pedro um paiz já restaurado dos danos das guerras, não ficando em nada diminuida a obra de D. Diniz; um soberano respeitado dos visinhos, que o attendem e o consultam na politica da peninsula; um monarcha firme, que vae ainda além de seu pae, nas relações com um clero revoltoso e dissoluto, que elle contém e castiga; um homem austero no seu pensar e logico no seu proceder, que não tem filhos illegitimos, ou, se os tem, não os nomeia nem os aponta.

VI

Pedro, o Cruel, desvaira pela justiça. Coração bom e espirito sensato, mostra o que é nas côrtes d'Elvas, onde as representações dos procuradores o levam a revogar tanta cousa, que decretára. Os seus paços estão sempre abertos a todo o vassallo, que tenha de requerer-lhe. Os seus gosos, esses mesmos, encurta-os elle, ou interrompe-os, para que os pretendentes não sofram adiamentos nos seus negocios.

Que surja porém o espectro da justiça, que o seu delirio lhe mostra sempre vingativa e ensanguentada, e todos os horrores da maxima crueza parecerão a seus olhos enxutos o cumprimento do real dever.

O infame supplicio do escudeiro Madeira, a viuvez de Maria Roussada, as mortes atrozes de Pero Coelho e Alvaro Gonçalves, mandadas executar por um rei bondoso, são incontestaveis provas da sua loucura.

Supprimam-se tambem esses repugnantes episodios, e que fica?

O mais prospero dos reinados, um paiz rico por um judicioso governo, uma paz mantida por uma habil politica com o estrangeiro, e uma ordem interna que poder algum pôde vir perturbar, nem mesmo o religioso, pois que nem já os decretos e bullas de Roma podem correr sem o regio *placet*.

Fallecido o *monstro cru*, o reino inteiro chora por elle, exclamando por

entre prantos: — «outros dez annos, como os de D. Pedro, não veem mais a Portugal!»

E não vieram.

A sua missão, na evolução portugueza, foi enriquecer o reino, e o reino está rico.

A produção agricola chega para o sustento da população e sobra para a grande exportação. Os cofres estão atulhados de moeda, o Tejo coalhado de navios á carga, e a alfandega rende prodigiosamente.

Não é isto um dizer vago. As contas estão feitas nos bons livros da nossa historia.

Uma nova lei ha a cumprir-se no destino de Portugal — a da expansão. Cabe isso a Fernando, o Formoso, que a sente, mas erra-a.

Os grandes homens que hão de entender bem um reinado mais tarde. A expansão deve fazer-se para o mar, e D. Fernando intenta-a para o continente; as riquezas de Portugal despejam-se nas fortalezas de Castella; as boas moedas de D. Pedro vão correr no Arago, refundidas em peças aragonezas. O rei não está á altura dos seus destinos.

Tem o instincto, mas não tem a ideia; tem a aspiração, mas não tem a comprehensão.

N'esse destino incomprehendido, está a razão dos acontecimentos d'essa epocha, toda de tristezas, desgraças e desdousos. Os historiadores, que pretendem achar a explicação em factos mais humanos, perdem-se no labyrintho e cahem no absurdo.

E' ouvil-os!

Para elles D. Fernando é ambicioso e covarde, cynico e bom, intelligente e inconsequente!

Simplesmente impossivel de existir um homem assim.

A verdade parece-me ser outra. A missão é alta e pede um alto alcance. O herdeiro de dois loucos tem inferioridade de cerebro. São outras as partes do encephalo, que n'elle predominam.

Dentista Soares

Clinica dentaria-Dentes artificiais

ORTODONCIA

Rua João Mendonça

(Junto ao Banco N. Ultramarino)

AVEIRO

O restauro do Retrato de S.^{ta} Joana

Porto, 13 de Maio de 1936.

Ex.^{mo} Sr. Homem Cristo, illustre Director de «O Povo de Aveiro».

AVEIRO

Ex.^{mo} Senhor:

Tenho lido os artigos publicados nos mais recentes numeros de «O Povo de Aveiro» sobre o retrato conhecido pelo de Santa Joana e o seu ultimo restauro, e essa prosa fomentada pelas afirmações que eu fiz há tempos no Club dos Fenianos desta cidade, muito me surpreendeu, como é natural, visto a discussão ter sido entre pessoas que ignoravam a minha opinião e nem sequer assistiram ás conferencias realizadas aqui no Porto a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Considero muito uteis as polemicas sobre assuntos de arte travadas com elevação, mas entendo que a interferencia dos que desconhecem os aspectos mais elementares das questões da importancia desta, só serve para desnortear a opinião publica e complicar problemas que já de si são intrincados.

Alem disso estou já sufficientemente habituado a verificar deturpações do que tenho affirmado em publico, por incompreensão ou má fé, desconhecimento dos assuntos ou má vontade de se intrometerem neles clandestinamente, como piolinhos na costura, para dispensar a propaganda e a defesa dos meus pontos de vista por parte de quem quer que seja.

O que eu penso está no que escrevo e no que digo, e não no que se inventa ou advinha com ou sem habilidade.

Tudo isto vem a proposito do artigo intitulado «Restauros» do Sr. Adolfo Faria de Castro, publicado em «O Povo de Aveiro» de 10 to corrente.

Diz o articulista que tendo voltado ao Museu no domingo, observara radiografias do discutido painel, levadas, expressamente, por mim, do Porto.

Ora isto é absolutamente falso. Eu nunca fui a Aveiro com radiografias do chamado retrato de Santa Joana. O Sr. Faria de Castro poderá supôr que sabe analisar radiografias de quadros, mas o que não sabe com certeza é o que é uma radiografia.

Tambem me parece conveniente aproveitar este ensejo para esclarecer equívocos que a desastrada intervenção daquele senhor nesta interessante questão de arte provocou: o retrato quando tenha sofrido alterações, foi muito cuidadosamente tratado graças ao talento e ao saber do sr. Fernan-

TEATRO AVEIRENSE

Domingo, 24 de Maio de 1936
às 21,45 horas

Um filme de 1936!

do célebre compositor
OFFENBACH

Vida Parisiense

com Conchita Montenegro
e do cómico Max Dearly
secundados por Germaine Aussey,
Georges Rigaud e Cristian Gérard

Cinema Sonoro

BREVEMENTE:

Greta Garbo

mais bela do que nunca em

O véu das

ilusões

E' feio andar com a barba por fazer



Nunca tive uma navalha de tão boa qualidade

Tesouras de costura, manicure, barbeiro Rugra

NAVALHAS DE BARBA RUGRA

Laminas Rugra Gold

São as Melhores

A' venda nos bons estabelecimentos

do Mardel a quem se deve—creio eu— a limpeza da preciosa tábuca.

Devia o restauro ter sido orientado por forma diferente? Acho que sim, mas isso é outra historia; e não me parece que a responsabilidade seja do restaurador. Se tivermos de nos queixar desta vez, será da insuficiência a que aludi no meu ultimo serão dos Fenianos.

Mas como o sr. Faria de Castro assevera ter confirmado «alterações soffridas no ultimo restauro», o que pode ser de certo modo grave, bom seria que nos explicasse pormenorizadamente quais foram essas alterações.

Agradecendo a publicação destas linhas, peço-lhe Ex.^{mo} Sr. Director, me creia com elevada consideração

De V. Ex.^a

M.to Ato e Obg.do
LUIZ REIS SANTOS

Congresso Beirão

Mandam-nos uns papelosos sobre o proximo Congresso Beirão. Não publicamos nada. Já aqui dissemos um dia que esses congressos servem só para satisfazer os interesses ou as vaidades dos seus empenzarios.

Não servem para mais nada.

A Estrada da Presa

Os povos da Forca, Presa, Quinta do Gato, Solposto e Marco solicitaram a intervenção do sr. governador civil a favor da reparação da estrada que os serve, e que se encontra desde ha muito no mais miseravel estado. Não se pode transitar por ella.

Este caso é da maior importancia. E não só para as aldeias, tambem para a cidade.

Estas questões são para o commercio, para a industria e para a agricultura de interesse capital.

Suponhamos uma cidade alimentada pelos suburbios, como de facto, o são todas elas. Se os caminhos que conduzem da aldeia á cidade, ou que ligam as aldeias entre si, estão em mau estado, os productos agricolas são duplamente mais caros.

Mais caros porque as difficuldades de transporte para os trabalhos agricolas, carros conduzindo adubos, conduzindo alfaias, conduzindo terras, etc., e que se enterram em grandes lamaçais, e que caem em barrancos donde são tirados com grande demora e á custa de reforço de gado de tracção e de esforços inauditos da parte dos homens, augmentam o custo da produção. Mais caros porque subsistindo as mesmas difficuldades e as mesmas despesas no transporte dos productos para a cidade, onde são vendidos, atingem eles um preço desmedido. Tendo que se atender a um outro facto muito grave para a economia cittadina: a fuga dos produtores para mercados que, em virtude de melhores facilidades de transporte, oferecem mais vantagens aos produtores. Então dirigem-se ás villas importantes sedes de concelhos vizinhos, abandonando os mercados citadinos. E uma vez estabelecidas essas correntes e relações de commercio, nunca mais voltam á cidade.

O sr. governador civil prometteu intervir no assumpto.

Dr. M. Dias da Costa Candal

Médico-Cirurgião

Doenças dos Olhos
Clínica Geral

Consultas todos os dias, das 9 às 12
—:— e das 15 às 18 horas —:—

Avenida Central — AVEIRO

Este numero foi visado
pela comissão de censura

TRICANA

Primorosa marca que impõe uma deliciosa
qualidade de cafés moidos

Fornecedores de chicoria granulada, ovos
moles e mexilhão

A. Seixas & Rezende
— AVEIRO —

Tudo para electricidade

encontrará U. Ex.^a no estabelecimento da firma

Ferreira, Pereira & C.^a

Praça 14 de Julho e Rua Tenente Rezende

Enorme sortido de candieiros em todos os formatos.
Instalações de luz, força e campainhas.
Aparelhos electricos para uso domestico.

MATERIAL de T. S. F.

TINTAS de ESMALTE, VERNIZES etc.

Lampadas de varias marcas desde 3\$00

Dr. Alberto Barbedo

Medico especialista das doenças de
de ouvidos, nariz, garganta e boca.
Operações e consultas aos domínios
das 11 horas em diante no
consultorio do Dr. A. Machado.

Praça 14 de Julho, 20
AVEIRO

Caixa de Credito Ilhavoense

(Em frente ao Mercado)

— DE —
Francisco Paulo Teiga
— ILHAVO —

Esta casa oferece as maiores ga-
rantias sobre qualquer empre-
stimo sobre penhores, tais co-
mo MOBILIAS, JOIAS e to-
dos os objectos que ofe-
reçam garantia.

A maior seriedade e o
maximo segredo nas
suas transações

Casa dos Ovos Moles

Antiga Pastelaria

DE

Maria da Encarnação Mourão, Sucessora

Rua Coimbra (Antiga Costeira), 3-A e 2-B

— AVEIRO —

Especialidade em doces de ovos, e o mais
completo sortido em barricas pintadas,
e artigos para brindes

Telefone 103

Casa fundada em 1856

(A mais antiga Casa da Cidade)

AGENCIA FORD OFFICIAL

NO DISTRITO DE AVEIRO

SOUKASAU & PIMENTA Lda

STANDS EM: AVEIRO Tel. 190 S. JOÃO DA MADEIRA Tel. 67 OLIVEIRA DE AZE-
MEIS Tel. 65 onde temos sempre em exposição os mais recentes modelos.

Séde e Estação de Serviço: OLIVEIRA DE AZEIS

Na nossa Estação de Serviço executamos todas as reparações tendo pessoal especia-
lizado, e temos sempre diversos carros e camionettes usados, proveniente de trocas,
que vendemos devidamente reparados, facilitando o seu pagamento :

ESTANCO FLAVIENSE
DE

João Monteiro

Rua dos Mercadores — AVEIRO

Venda de jornais, revistas, nacionais e estrangeiras.

Tem sempre á venda todas as qualidades de tabacos
Venda de Lotarias

Sapataria Migueis

— AVEIRO —

Telefone 98

Representante de diver-
sas marcas de calçado
Sortido completo de calçado do
mais fino gosto ao mais
modesto

Trabalha para esta casa um
dos melhores artistas portu-
gueses em calçado de Senhora
O maior depósito de cal-
çado da provincia

Telegras: MILIZI
Telefone N.º 169

Agência Comercial A. C. S.

Consignações, Representa-
ções e Conta Própria

DE

Antonio da Costa Ferreira

Rua Coimbra n.º 11

AVEIRO

(PORTUGAL)



STICKSTOFF-SYNDIKAT

G. M. B. H.

Sementes, Fungicidas, insecticidas
e raticidas

B

A

BAYER

E

R

Representante e Depositário da So-
ciedade de Anilinas, Lda—Lisboa
Depositários dos Adubos Químico
Nitrophoska—IG (do Sindicato
de Azoto de Berlim)

Tecnico ás ordens da clientela.

Maquinas e utensilios agricola

Bombas para rega

Motores Maritimos

e terrestres

Guinchos, cabrestantes

e grupos electrogénios

Tintas, Esmaltes,

Lacas e Vernizes

Empresa Cerâmica Vouga, L.^{da}

— AVEIRO —

Cerâmica

Fundição

Serralharia

Telhas tipo Marselhez, Progresso e Vouga.

Acessórios para telhados.

Tijolos de todas as dimensões e tipos usuais.

Fundição de ferro, bronze e outros metais.

Serralharia—Construção, montagem e reparação
de máquinas para varias industrias.

Todos os trabalhos de serralharia mecânica e civil.

TELEFONE N.º 19

Oficina de Mármore, Cantarias, Marmoritos e Louzas

DE

Ernesto Correia dos Santos & Irmãos
Avenida Central—AVEIRO

Mármore polidos para revestimento de construções, lambris, mobi-
lias, balcões, jazigos, mausuleus, quadros eléctricos, bancas e
pias para cozinha tanto em mármore como marmorito e louzas
marmorito para escadaria, pavimentos sem juntas, construídas nas
próprias obras com vários desenhos ao preço dos Mosaicos Hidráulicos.

PARA
MILHOS
EMPREGUE
CAL AZOTADA
(CIANAMIDA)

MAGNIFICO ADUBO COM

19 a 20 % de AZOTE e 60 a 70 % de CAL

Enviam-se gratuitamente todas as instruções a quem preencher este cou-
pon e o envie ao CENTRO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA

Praça do Municipio, 32-2.º—LISBOA

Nome

Morada

Mercantil Aveirense, L.^{da}

Rua do Caes, 13

Telefone 123

Comissões, Consignações e Conta Própria — Agentes nos distritos de
Aveiro e Vizeu do cimento SÉCIL

Representante no distrito de Aveiro da casa JAIME DA COSTA, Lda
Maquinas industriais, eléctricas ASEA e marítimas

Depositários da Companhia Previdente e da Companhia Geral de
Combustiveis. Carvão de todas as qualidades. Depósito em Aveiro.

APRESTOS MARITIMOS—Cabos, lonas e artigos de Cordoaria
Tintas e Vernizes. OLEO FIGADO BACALHAU

Fundição Aveirense

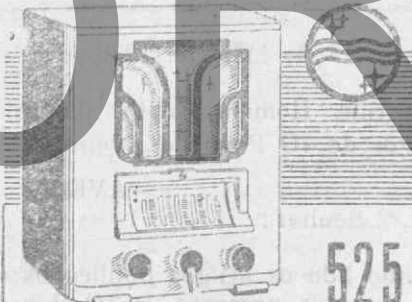
DE

João André da Paula Dias

— AVEIRO —

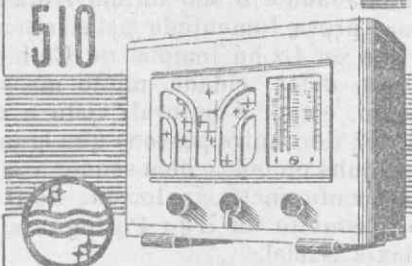
Fundição de Ferro e Bronze. Montagens e Reparação de Máquinas.
Serralharia Mecânica e Civil. Soldadura Eléctrica e a Auto-
génio. Coberturas Metálicas. Gradeamentos e Portões.
Moagem de Milho. Serração e Madeiras.

Telefone 40



PHILIPS

510



Entre as numerosas
marcas existentes
só esta lhe dará
satisfação

PHILIPS
RADIO

Vendas a prestações
AGENTES EM AVEIRO

Trindade, Filhos

Brinquedos — Utilidades — Bijouterias

ARTIGOS DE MENAGE

A. Lopes Coelho de Souza

Fábrica — Rua do Godim 385 — PORTO